

## *Sumário*

[Palácio de Westminster, Londres, 29 de novembro de 1499](#)

[Palácio de Westminster, Londres, inverno-primavera de 1500](#)

[Castelo de Stourton, Staffordshire, primavera de 1500](#)

[Castelo de Ludlow, Marcas Galesas, primavera de 1500](#)

[Palácio de Westminster, Londres, outono de 1501](#)

[Castelo de Ludlow, Shropshire, inverno de 1501](#)

Castelo de Stourton, Staffordshire, inverno de 1501

Castelo de Stourton, Staffordshire, primavera de 1502

Castelo de Ludlow, Marcas Galesas, março de 1502

Castelo de Ludlow, Marcas Galesas, abril de 1502

Castelo de Ludlow, Marcas Galesas, verão de 1502

Palácio de Westminster, Londres, junho de 1502

Castelo de Stourton, Staffordshire, outono de 1502

Castelo de Stourton, Staffordshire, fevereiro de 1503

Palácio de Westminster, Londres, primavera de 1503

Castelo de Stourton, Staffordshire, outono de 1504

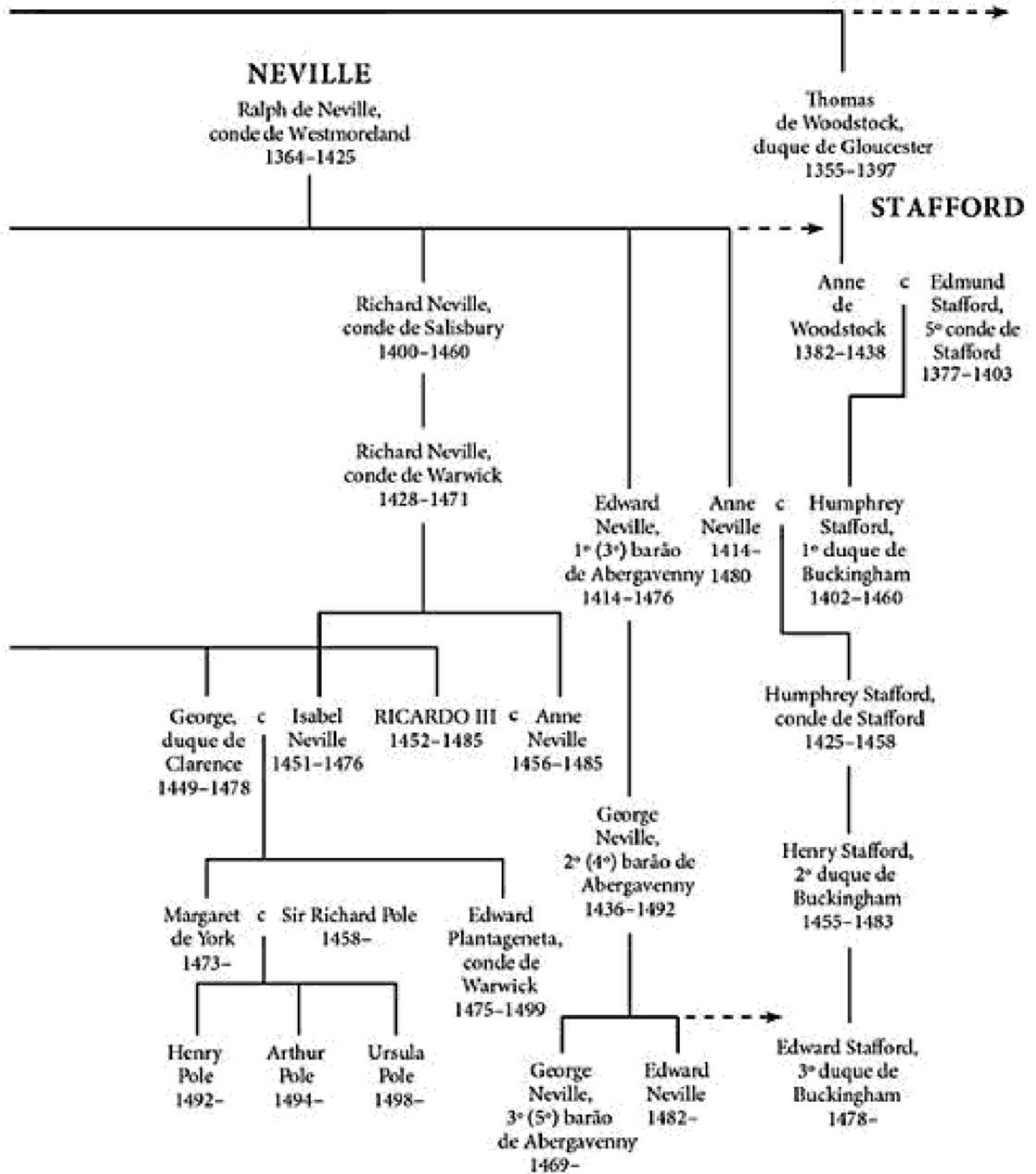
Castelo de Stourton, Staffordshire, primavera de 1505

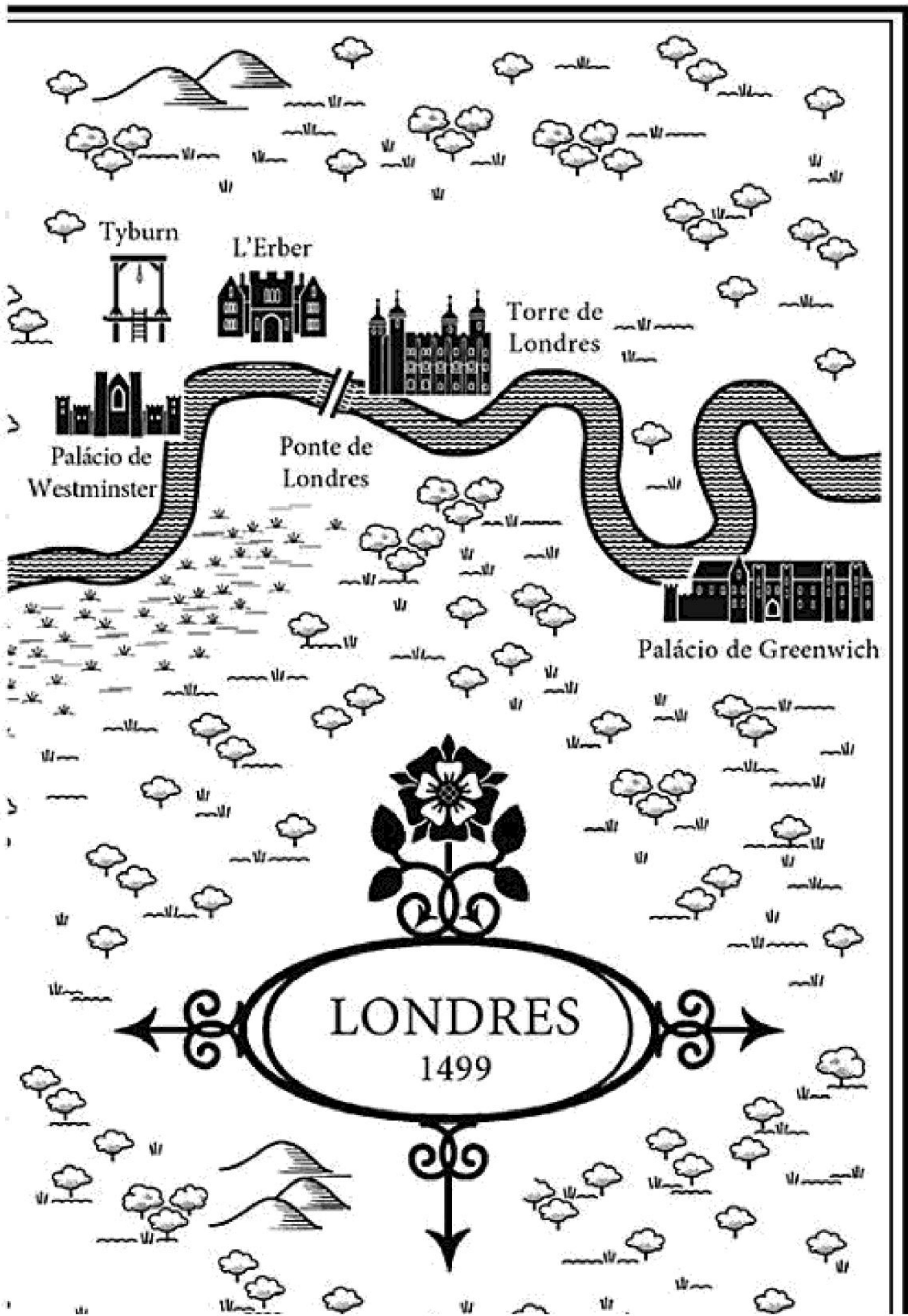
Castelo de Stourton, Staffordshire, verão de 1505

Palácio de Westminster, Londres, verão de 1505

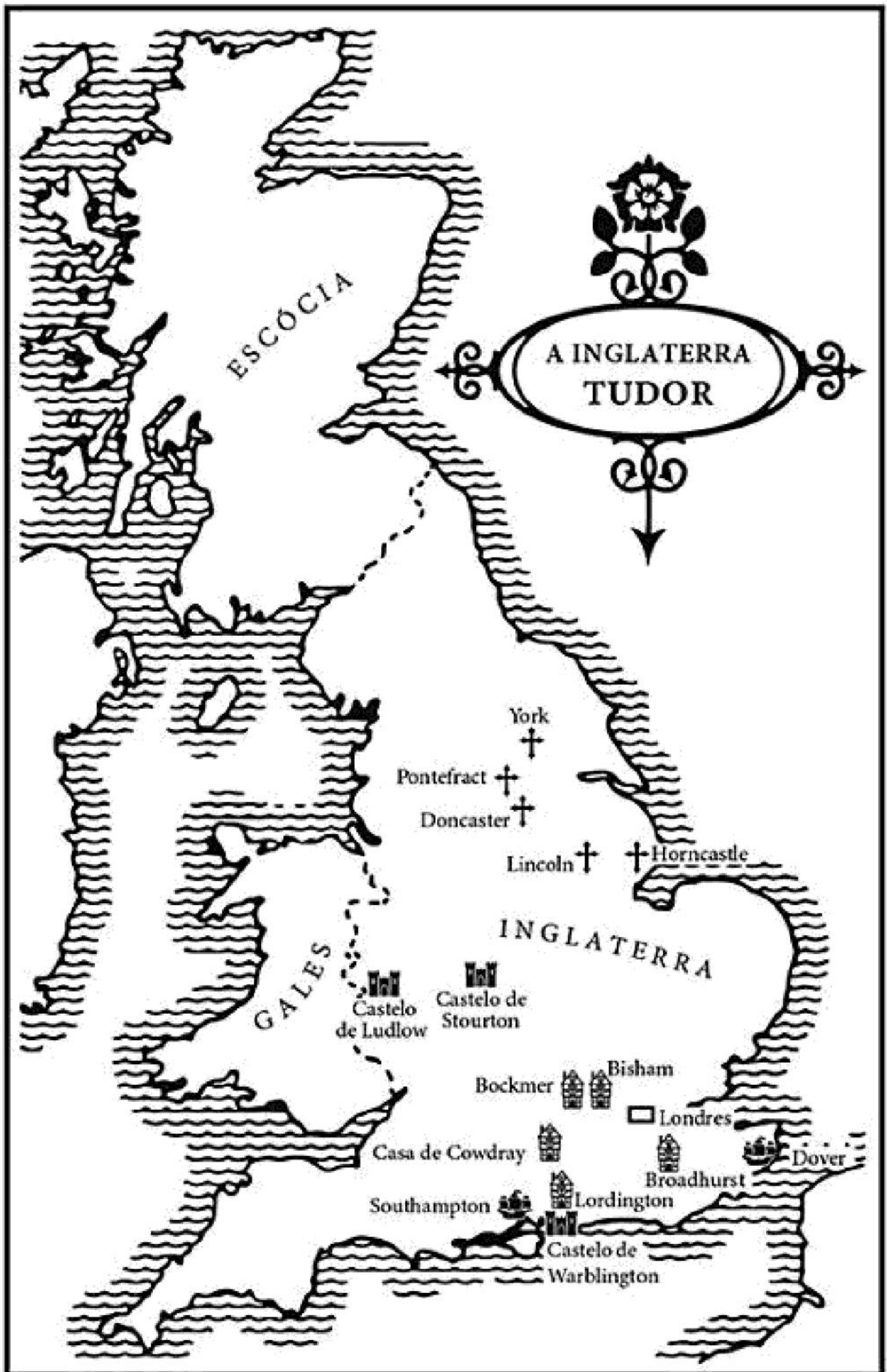
Castelo de Stourton, Staffordshire, outono, 1506

# AS CASAS TUDOR E PLANTAGENETA EM NOVEMBRO DE 1499









*Palácio de Westminster, Londres,  
29 de novembro de 1499*

No momento em que desperto, sou ingênua, minha consciência limpa de qualquer mal. Nesse primeiro momento enevoado, enquanto abro meus olhos, não penso em nada. Sou apenas uma jovem de músculos fortes e pele macia, uma mulher de 26 anos despertando lenta e alegremente para a vida. Não tenho percepção de minha alma imortal, não tenho compreensão de pecado ou culpa. Sinto uma sonolência tão deliciosa e preguiçosa que mal sei quem sou.

Vagarosamente, abro meus olhos e percebo que a luz que emana das venezianas indica que já passou da metade da manhã. Enquanto me espreguiço, voluptuosamente, como um gato ao acordar, lembro-me de que estava exausta quando caí no sono e agora sinto-me bem e descansada. E então, imediatamente, como se a realidade despencasse subitamente sobre minha cabeça como dossiês de denúncias selados despencando de uma estante alta, lembro-me de que não estou bem, de que nada está bem, de que este é o momento que eu esperava que jamais chegasse, pois agora não posso negar meu nome mortal: sou uma herdeira de sangue real, e meu irmão — culpado do mesmo modo que eu — está morto.

Meu marido, sentado ao lado de minha cama, está completamente vestido, com seu colete de veludo vermelho, a jaqueta deixando-o largo e corpulento, sua corrente de ouro indicativa de seu posto como camarista do príncipe de Gales cobrindo o forte peito. Lentamente, percebo que estive esperando que eu acordasse, o rosto enrugado de preocupação.

— Margaret?

— Não diga nada — falo rápido, como uma criança, como se parar as palavras fosse atrasar os fatos, e viro meu rosto para o travesseiro.

— Deve ser corajosa — diz, atormentado. Dá tapinhas em meu ombro como se eu fosse um filhote de cão de caça adoecido. — Deve ser corajosa.

Não ousou impedir seu toque. É meu marido, não ousarei ofendê-lo. É meu único refúgio. Fui enterrada nele, meu nome escondido no dele. Minhas relações com meu título foram cortadas tão prontamente como se meu nome tivesse sido decapitado e jogado em um cesto.

Meu nome é o mais perigoso de toda a Inglaterra, Plantageneta, e houve um tempo em que o carreguei com orgulho, como uma coroa. Houve um tempo em que fui Margaret Plantageneta de York, sobrinha de dois reis, os irmãos Eduardo IV e Ricardo III, cujo terceiro irmão era meu pai, George, duque de Clarence. Minha mãe era a mulher mais rica da Inglaterra e filha de um homem tão poderoso que era chamado de “Fazedor de Reis”. Meu irmão, Teddy, foi nomeado por nosso tio, o rei Ricardo, como herdeiro ao trono da Inglaterra, e partilhávamos o amor e a lealdade de metade do

reino. Éramos os nobres órfãos Warwick, salvos pelo destino, arrebatados das garras de bruxa da rainha branca, criados no berçário real do Castelo de Middleham pela rainha Ana em pessoa — e nada, nada no mundo era bom, caro ou raro demais para nós.

Mas quando o rei Ricardo foi morto, fomos, de uma hora para outra, de herdeiros a pretendentes, sobreviventes da família real anterior, após um usurpador tomar o trono. O que deveria ser feito com as princesas de York? O que deveria ser feito com os herdeiros Warwick? Os Tudor, mãe e filho, tinham uma resposta pronta. Todas deveríamos ser casadas com homens obscuros, prometidas às sombras, escondidas pelos votos de casamento. Então agora estou segura, rebaixada em muitos níveis, até ter me tornado pequena o suficiente para me esconder sob o nome de um pobre cavaleiro em um pequeno solar no meio da Inglaterra, onde a terra é barata e não há quem possa cavalgar em batalha pela promessa de meu sorriso diante dos gritos que proclamam: “À Warwick!”

Sou Lady Pole. Não uma princesa, não uma duquesa, nem sequer uma condessa. Sou só a esposa de um humilde cavaleiro, jogada na obscuridade como um emblema bordado numa capa em um baú de roupas esquecido. Margaret Pole, a jovem esposa grávida de Sir Richard Pole, e já lhe dei três filhos, sendo dois meninos: Henry, nomeado para bajular o rei Henrique VII, e Arthur, em homenagem a seu filho, o príncipe Artur, para agradá-lo. Também tenho uma menina, Ursula. Fui autorizada a escolher qualquer nome para uma mera menina, então a batizei em homenagem a uma santa que preferiu a morte a se



casar com um estranho e ser forçada a tomar seu nome. Duvido que alguém tenha notado esse meu pequeno ato de rebeldia. Certamente espero que não.

Mas meu irmão não pôde ser batizado novamente por meio de um casamento. Com quem quer que ele se casasse, não importava quão humilde fosse a origem dela, não conseguiria mudar seu nome como meu marido fez com o meu. Ainda seria possuidor do título de conde de Warwick, ainda responderia ao ser chamado de Edward Plantageneta, ainda seria o verdadeiro herdeiro do trono da Inglaterra. Quando erguessem seu estandarte (e alguém, mais cedo ou mais tarde, iria de fato fazê-lo) metade da Inglaterra mostraria apoio só pela aparição tremulante e fantasmagórica do bordado branco, da rosa branca. É assim que o chamavam: “a Rosa Branca”.

Então, já que não puderam tirar seu nome, tomaram sua fortuna e suas terras, e roubaram sua liberdade, guardando-o como uma bandeira esquecida, dentre outras coisas sem valor, na Torre de Londres, com traidores, devedores e tolos. Mas, mesmo que não tivesse criados, nem terras, nem um castelo, nem educação, meu irmão ainda tinha seu nome, o meu nome. Teddy ainda possuía seu título, o título de meu avô. Ainda era o conde de Warwick, a Rosa Branca, herdeiro do trono Plantageneta, uma reprimenda viva e constante aos Tudor, que usurparam esse trono e agora chamam-no de seu. Levaram Edward para as sombras quando era um menininho de 11 anos e não saiu de sua cela até que se tornasse um homem de 24 anos. Não sentia a grama fresca dos prados sob os pés havia treze anos. Então caminhou para fora da Torre, talvez

aproveitando o cheiro da chuva na terra molhada, talvez ouvindo o alvoroço das gaivotas sobre o rio, talvez escutando, além das altas muralhas da Torre, os gritos e risos dos homens livres, dos ingleses livres, seus súditos. Com um guarda de cada lado, caminhou pela ponte levadiça até Tower Hill, ajoelhou-se diante do cepo de execução e abaixou a cabeça como se merecesse morrer, como se estivesse disposto a morrer, e decapitaram-no.

Isso aconteceu ontem. Há apenas poucas horas. Choveu por todo o dia. Houve uma tremenda tempestade, como se o céu estivesse revoltando-se contra a crueldade, a chuva caindo como se por tristeza. Ao contarem-me, na presença de minha prima, a rainha, em seus aposentos lindamente decorados, fechamos as venezianas contra a escuridão, como se não quiséssemos ver a chuva que, em Tower Hill, lavava o sangue até as sarjetas, o sangue de meu irmão, meu sangue, sangue real.

— Deve ser corajosa — meu marido murmura novamente.

— Pense no bebê. Tente não ficar com medo.

— Não estou com medo. — Viro a cabeça para falar por sobre o ombro. — Não tenho de ser corajosa. Não tenho o que temer. Sei que estou a salvo com você.

Ele hesita. Não quer me lembrar de que, talvez, eu ainda tenha algo a temer. Talvez nem mesmo sua condição inferior seja humilde o suficiente para manter-me segura.

— Referia-me a tentar não demonstrar seu pesar...

— Por que não? — Soa como uma reclamação infantil. — Por que não deveria? Por que não deveria ficar de luto? Meu irmão, meu único irmão, está morto! Decapitado como um

traidor quando era inocente como uma criança. Por que não deveria sentir pesar?

— Porque não gostarão disso. — É tudo que diz.



*Palácio de Westminster, Londres,  
inverno-primavera de 1500*

A rainha desce as grandes escadas de seus cômodos no palácio para se despedir quando deixamos Westminster depois do banquete de Natal, ainda que o rei se mantenha em seus aposentos. Sua mãe diz a todos que está bem, que tem apenas uma leve febre, que é forte e saudável e que repousa durante os dias frios de inverno ao lado de uma cálida fogueira, mas ninguém acredita nela. Todos sabem que o rei está doente de culpa por ter matado meu irmão e executado o herdeiro que foi chamado de traidor, acusado de juntar-se a uma conspiração imaginária. Percebo, com ironia, que a rainha e eu, ambas tendo perdido um irmão, realizamos nossos deveres de rostos pálidos e lábios apertados, enquanto o homem que ordenou suas mortes está na cama, tonto de culpa. Mas Elizabeth e eu estamos acostumadas com perdas. Somos Plantageneta: nosso jantar é uma dieta de traições e decepções. Henrique Tudor é recém-chegado à realeza e sempre teve alguém que lutasse em seu lugar.

— Boa sorte — diz Elizabeth sem delongas. Faz um pequeno gesto indicando o inchaço em minha barriga. — Tem certeza de

que não quer ficar? Pode ficar de resguardo aqui. Seria bem servida e eu a visitaria. Mude de ideia e fique, Margaret.

Nego com a cabeça. Não posso dizer-lhe que estou farta de Londres e da corte, farta do governo de seu marido e sua mãe dominadora.

— Muito bem — diz, entendendo tudo isso. — E irá para Ludlow assim que estiver recuperada? E irá juntar-se a eles lá?

Ela prefere que eu fique em Ludlow com seu filho Artur. Meu marido é seu guardião naquele castelo distante, e ela se sente aliviada ao saber que estarei lá também.

— Irei assim que for possível — prometo-lhe. — Mas sabe que Sir Richard manterá seu menino são e salvo quer eu esteja lá, quer não. Cuida dele como se fosse um príncipe feito de ouro puro.

Meu marido é um bom homem, jamais o negarei. Milady, a Mãe do Rei, escolheu bem por mim ao arranjar meu casamento. Ela só queria um homem que me mantivesse longe da vista do povo, mas encontrou um que me trata com carinho em casa. E fez um ótimo negócio. Pagou a meu marido o menor dote possível no dia de nosso casamento. Até hoje sou capaz de dar risadas ao pensar no que lhe deram para se casar comigo: dois solares, dois míseros solares, e um pequeno castelo caindo aos pedaços! Poderia ter exigido muito mais, mas sempre serviu aos Tudor por nada além de seus agradecimentos, seguindo-os apenas para lembrá-los de que estava a seu lado, indo atrás de seu estandarte aonde quer que fosse levá-lo, sem pensar nas consequências ou fazer perguntas.

Ainda era muito jovem quando começou a confiar em Lady Margaret Beaufort, sua parente. Ela o convenceu, como convenceu a tantos, de que seria uma aliada vitoriosa, mas também uma inimiga perigosa. Quando era um rapazinho, aproveitou-se do intenso apreço familiar dela e colocou-se sob sua proteção. Ela o fez jurar estar a serviço da causa de seu filho, e ele e todos os seus aliados arriscaram as vidas para trazer o filho dela ao trono e chamá-la pelo título que inventou para si: Milady, a Mãe do Rei. Ainda hoje, mesmo com seu triunfo incontestável, ela se agarra a seus primos, temerosa por amigos incertos e estranhos medonhos.

Olho para minha prima, a rainha. Somos tão diferentes dos Tudor. Casaram-na com o filho de Milady, o rei Henrique, e somente após terem posto à prova sua fertilidade e sua lealdade por quase dois anos, como se fosse uma cadela parideira sendo testada, coroaram-na como sua rainha — apesar de ela ser uma princesa desde o nascimento e ele ter nascido muito longe do trono. Casaram-me com o meio-primo de Milady, Sir Richard. Exigiram de nós que negássemos nossa criação, nossa infância, nosso passado, para tomar seus nomes e jurar lealdade, e o fizemos. Mas, mesmo assim, duvido que algum dia confiem em nós.

Elizabeth, minha prima, olha para onde o jovem príncipe Artur, seu filho, espera seu cavalo ser trazido dos estábulos.

— Gostaria que vocês três pudessem ficar.

— Ele precisa ficar em seu principado — lembro-lhe. — É o príncipe de Gales, precisa ficar perto de Gales.

— Eu só...

— O país está em paz. O rei e a rainha da Espanha enviarão sua filha a nós agora. Voltaremos logo, prontos para o casamento de Artur. — Não comento que somente irão mandar a jovem infanta agora que meu irmão está morto. Morreu para que não houvesse um herdeiro rival; o tapete que levará a infanta ao altar será vermelho como seu sangue. E deverei caminhar sobre ele, no séquito Tudor, e sorrir.

— Havia uma maldição — conta ela repentinamente, aproximando-se de mim e colocando a boca perto do meu ouvido, de modo que eu consigo sentir o calor de sua respiração contra minha face. — Margaret, tenho de lhe contar. Havia uma maldição. — Ela pega em minha mão e sinto-a tremer.

— Que maldição?

— Quem quer que tenha tirado meus irmãos da Torre, quem quer que tenha matado meus irmãos, deverá morrer por isso.

Horrorizada, afasto-me para ver seu rosto pálido.

— De quem é essa maldição? Quem diria tal coisa?

A sombra de culpa que passa por seu rosto me diz tudo. Deve ter sido sua mãe, a bruxa Elizabeth. Não há dúvida em minha mente de que é uma maldição assassina de uma mulher assassina.

— O que ela disse, exatamente?

Elizabeth encaixa uma das mãos em meu braço e me leva aos jardins do estábulo, pelo arco da porta, para que fiquemos a sós no espaço fechado, uma única árvore sem folhas erguendo seus galhos sobre nossas cabeças.



— Eu também participei — admite. — Foi minha maldição, tanto quanto foi dela. Lancei-a com minha mãe. Era apenas uma menina, mas deveria ter tido juízo... Mas a fiz com ela. Falamos para o rio, para a deusa... você sabe!... a deusa que fundou nossa família. Dissemos: “Nosso menino foi levado quando ainda não era homem, nem rei, apesar de ter nascido para ser ambos. Então leve o filho de seu assassino enquanto ele ainda for um menino, antes de ser um homem, antes de receber o que deve. E então tome seu neto também, e, quando tomá-lo, saberemos por essas mortes que isso é graças à nossa maldição e este é o pagamento pela perda de nosso filho.”

Tremo e coloco minha capa de montaria em meus ombros como se o pátio cheio de sol tivesse ficado repentinamente úmido e frio com um suspiro de consentimento do rio.

— Você disse isso?

Ela assente com a cabeça, seus olhos escuros e temerosos.

— Bem, o rei Ricardo morreu, e o filho, antes dele — afirmo ousadamente. — Um homem e o filho. Seus irmãos desapareceram enquanto estavam sob custódia dele. Se for culpado e a maldição tiver funcionado, então talvez tenha acabado e sua linhagem esteja extinta.

Ela dá de ombros. Ninguém que tenha conhecido Ricardo pensaria por um segundo sequer que ele tinha matado seus sobrinhos. É uma sugestão ridícula. Devotou a vida ao irmão, teria sacrificado a vida por seus sobrinhos. Odiava a mãe deles e tomou o trono, mas jamais teria machucado os meninos. Nem sequer os Tudor ousariam sugerir tal crime, nem mesmo eles

seriam descarados o suficiente para acusar um homem morto de um crime que jamais teria cometido.

— Se for este rei... — Minha voz não é mais do que um sussurro, e seguro Elizabeth tão perto de mim que poderíamos estar abraçadas, minha capa sobre seus ombros, sua mão na minha. Mal ousou falar nesta corte de espiões. — Se foi ele quem ordenou a morte de seus irmãos...

— Ou a mãe dele — acrescenta bem lentamente. — O marido dela tinha as chaves da Torre, meus irmãos estavam entre ela e o trono...

Trememos, mãos apertadas com força, como se Milady estivesse aproximando-se de nós para ouvir. Ambas temos um medo terrível do poder de Margaret Beaufort, mãe de Henrique Tudor.

— Muito bem, está tudo bem — digo, tentando conter meus temores, tentando negar o tremor de nossas mãos. — Mas, Elizabeth, se foram eles que mataram seu irmão, então a maldição recairá sobre o filho dela, seu marido, e em seu filho também.

— Eu sei — murmura suavemente. — É o que temo desde o momento em que pensei nisso. E se o neto do assassino for *meu* filho, príncipe Artur? Meu menino? E se eu amaldiçoei meu próprio filho?

— E se a maldição acabar com a linhagem? — sussurro. — E se não houver mais meninos Tudor e no fim não restar nada além de meninas estéreis?

Ficamos imóveis, como se estivéssemos congeladas no jardim invernal. Na árvore sobre nossas cabeças um tordo

gorjeia uma canção, um som de aviso, e então alça voo.

— Mantenha-o a salvo! — pede com repentina paixão. —  
Mantenha Artur a salvo em Ludlow, Margaret!

*Castelo de Stourton, Staffordshire,  
primavera de 1500*

Entro em meu resguardo de um mês em Stourton e meu marido deixa-me para escoltar o príncipe até Gales, até seu castelo em Ludlow. Fico parada em frente à grande porta de nossa casa velha e em ruínas para acenar em despedida para eles. Príncipe Artur ajoelha-se para receber minha bênção, coloco a mão em sua cabeça e então beijo-o em ambas as faces quando se levanta. Tem 13 anos e já é mais alto do que eu, um menino com toda a beleza e o charme de York. Não há quase nada de Tudor nele, exceto seu cabelo castanho-avermelhado e seus ocasionais e imprevisíveis ataques de ansiedade; todos os Tudor compõem uma família cheia de temores. Coloco os braços ao redor dos ombros magros do menino e o abraço com força.

— Comporte-se — ordeno-lhe. — E tome cuidado ao justar e cavalgar. Prometi à sua mãe que nenhum mal lhe aconteceria. Certifique-se disso.

Ele revira os olhos como qualquer rapaz faz quando uma mulher se preocupa consigo, mas abaixa a cabeça em sinal de obediência e então vira-se e monta em seu cavalo, pegando as rédeas de modo a fazê-lo pular e dançar.

— E não se exhiba — peço-lhe. — E se chover, entre no abrigo.

— Pode deixar, pode deixar — diz meu marido. Sorri para mim gentilmente. — Sabe que tomarei conta dele. Preocupe-se em cuidar de si, é você quem tem trabalho a fazer este mês. E mande-me notícias no momento em que a criança nascer.

Coloco uma das mãos sobre minha grande barriga, sentindo o bebê se mexer, e aceno para eles. Fico observando enquanto vão na direção sul pela estrada de barro vermelho até Kidderminster. O chão está duro e congelado; passarão rápido pelas pistas estreitas que se esgueiram entre a colcha de retalhos que se forma com campos gélidos da cor de ferrugem. Os estandartes do príncipe vão à frente, os soldados em suas librés de cores vivas. Artur cavalga ao lado de meu marido, os homens de seu séquito à volta deles em formação protetora. Atrás vão os animais de carga levando os tesouros pessoais do príncipe: a bandeja de prata, os bens de ouro, as preciosas selas, a armadura esmaltada e entalhada, até mesmo os tapetes e roupas de cama. Carrega uma fortuna em tesouros aonde quer que vá. É o príncipe Tudor da Inglaterra e é servido como um imperador. Os Tudor reforçam que pertencem à realeza com truques de riqueza, como se esperassem que interpretar o papel fosse tornar tudo realidade.

Ao redor do menino, à volta das mulas carregando seu tesouro, cavalga a guarda Tudor, a nova guarda que seu pai reuniu, os integrantes em librés verdes e brancas. Quando nós, Plantageneta, éramos a família real, viajávamos por todas as estradas da Inglaterra, largas ou estreitas, com amigos e

companheiros, desarmados, sem elmos; nunca precisamos de uma guarda, nunca tememos o povo. Os Tudor estão sempre prontos para ataques repentinos. Vieram com um exército invasor, seguidos por uma praga e até hoje, quase quinze anos após sua vitória, ainda agem como invasores, incertos de sua segurança, duvidando de sua recepção.

Fico parada com uma das mãos levantada em gesto de despedida até que uma curva na estrada os esconde, e então entro, arrumando o fino xale de lã em torno de mim. Irei à ala das crianças ver meus filhos antes que o jantar seja servido para todo o séquito, e depois do jantar farei um brinde aos administradores de minha casa e de minhas terras, para então pedir que deixem tudo em ordem durante minha ausência e me retirar para meus cômodos com minhas damas de companhia, minhas parteiras e as amas. Lá, terei de esperar as longas quatro semanas de minha reclusão, por nosso novo bebê.



Não temo sentir dor, então não fico apreensiva. É meu quarto trabalho de parto e ao menos sei o que esperar. Mas tampouco anseio pelo momento. Nenhum de meus filhos me traz a alegria que vejo em outras mães. Meus filhos não me encham de ambição feroz, não consigo rezar para que se destaquem no mundo — seria louca ao querer que chamassem a atenção do rei, pois o que ele enxergaria além de mais um menino Plantageneta? Um herdeiro rival ao trono? Uma ameaça? Minha filha não me dá o prazer de ver a criação de uma

pequena mulher: mais uma de mim, mais uma princesa Plantageneta. Como posso pensar que não está fadada a algo, além da ruína, se brilhar na corte? Permaneci segura por todos estes anos por me manter quase invisível, como poderia vestir uma menina, exibi-la e esperar que as pessoas a admirem? Tudo o que lhe desejo é o conforto do anonimato. Para ser uma mãe amorosa, uma mulher deve ser otimista, repleta de esperança por seus bebês, planejando seu futuro em segurança, sonhando com grandes propósitos. Mas pertenço à Casa de York: sei melhor do que ninguém que o mundo é incerto e perigoso, e o melhor plano que consigo elaborar para meus filhos é o de que sobrevivam nas sombras — desde o nascimento serão os melhores atores, mas devo esperar que sempre estejam nas coxias, ou anônimos na multidão.

O bebê chega cedo, uma semana antes do que eu pensara, e é belo e forte, com um pequeno tufo de cabelo castanho no meio de sua cabeça como a crista de um galo. Gosta do leite da ama e ela o amamenta constantemente. Mando as boas novas a seu pai e recebo felicitações e uma pulseira de ouro galês em resposta. Diz que virá para o batizado e que devemos chamá-lo de Reginald — Reginald, o conselheiro — como uma sutil sugestão ao rei e sua mãe de que este menino será criado para ser um conselheiro e humilde servo de sua linhagem. Não é surpresa para mim que meu marido queira que até mesmo o nome do bebê indique nossa servidão a eles. Quando conquistaram o país, também nos conquistaram. Nosso futuro depende de sua boa vontade. Agora os Tudor são donos de tudo na Inglaterra, talvez para sempre o sejam.

Às vezes a ama de leite entrega o bebê a mim e balanço-o e admiro a curva de suas pálpebras fechadas e o perfil de seus cílios contra suas bochechas. Lembra-me de meu irmão quando era bebê. Consigo lembrar-me muito bem de seu rosto gordinho de criança e de seus olhos escuros e ansiosos quando era menino. Mal o vi como rapaz. Não posso imaginá-lo como um prisioneiro caminhando pela chuva até o patíbulo em Tower Hill. Seguro o bebê perto de meu coração e penso que a vida é frágil. Talvez seja mais seguro que não amemos ninguém.

Meu marido volta para casa, como prometeu — sempre faz o que promete —, a tempo do batizado e, assim que saio do resguardo e recebo minha bênção, retornamos a Ludlow. É uma viagem longa e difícil para mim, e sigo em parte de liteira, em parte a cavalo, cavalgando pela manhã e repousando à tarde, mas são precisos dois dias na estrada. Fico feliz ao ver os muros altos da cidade — as ripas e o reboco formando listras pretas e creme das casas com telhado de palha, e, atrás delas, altas e escuras, as grandes muralhas do castelo.



*Castelo de Ludlow, Marcaj Galesaj,  
primavera de 1500*

Abrem-se totalmente os portões em homenagem a mim, a esposa do lorde camarista do príncipe de Gales, e o próprio Artur vem do portão principal pulando como uma mola, depressa e animado, para ajudar-me a descer de meu cavalo e pergunta-me como estou, e por que não trouxe o bebê.

— É frio demais para ele. É melhor que fique com sua ama de leite em casa. — Abraço-o, ele se ajoelha para receber minha bênção, enquanto esposa de seu guardião e prima real de sua mãe, e quando se ergue faço uma reverência curta a ele, na condição de herdeiro ao trono. Cumprimos esses passos do protocolo facilmente, sem pensar neles. Artur foi criado para ser um rei, e eu fui criada como uma das pessoas mais importantes de uma corte cerimonial, onde quase todos me reverenciavam, caminhavam atrás de mim, levantavam-se quando eu chegava, ou saíam de minha presença curvando-se. Até a vinda dos Tudor, até o momento em que me casei, até o dia em que me transformei na desimportante Lady Pole.

Artur dá um passo para trás para analisar meu rosto. Ele é um menino engraçado, que faz 14 anos agora, mas de natureza doce e pensativa como sua mãe, uma mulher de coração meigo.

— A senhora está bem? — pergunta com cuidado. — Foi tudo bem, realmente bem?

— Muito bem — digo-lhe com firmeza. — Não me sinto tão diferente.

Com isso, ele sorri. Este menino tem o coração amoroso de sua mãe, será um rei com compaixão, e Deus sabe que é disso que a Inglaterra precisa para curar as feridas após trinta longos anos de batalhas.

Meu marido chega alvoroçado dos estábulos, e, com Artur, leva-me rapidamente ao grande salão, onde a corte curva-se diante de mim. Caminho, então, pelas centenas de homens de nosso séquito até meu lugar de honra entre meu marido e o príncipe de Gales, à mesa de honra.



Mais tarde naquela noite, vou ao quarto de Artur para ouvi-lo recitar suas preces. Seu capelão está ali, ajoelhado no genuflexório a seu lado, ouvindo a recitação cuidadosa da coleta do dia e da oração da noite em latim. Lê uma passagem de um dos salmos e Artur inclina a cabeça para rezar pela segurança de seu pai e de sua mãe, o rei e a rainha da Inglaterra.

— E por Milady, a Mãe do Rei, a condessa de Richmond — acrescenta, recitando seu título, para que Deus não se esqueça de quanto ela subiu, e de quão válido é seu direito de pedir Sua atenção. Abaixo a cabeça quando diz: — Amém — e então o capelão arruma suas coisas e Artur pula em sua grande cama.

— Lady Margaret, sabe se irei me casar este ano?

— Ninguém me falou de datas — digo. Sento-me ao lado de sua cama e olho para seu rosto iluminado, o suave declive de seu lábio superior que ele adora acariciar, como se o encorajasse a crescer. — Mas não agora, poderá haver objeções contra o casamento.

Imediatamente, estende a mão para tocar a minha. Sabe que os monarcas da Espanha juraram que enviariam sua filha para ser sua noiva somente quando estivessem certos de que não haveria herdeiros rivais ao trono da Inglaterra. Não se referiram somente a meu irmão Edward, mas também ao pretendente que se identificava pelo nome do irmão da rainha, Ricardo de York. Determinado a que o noivado seguisse, o rei Henrique prendeu os dois rapazes juntos, como se fossem igualmente herdeiros, como se fossem igualmente culpados, e ordenou que ambos fossem mortos. O pretendente reclamava um nome mais perigoso, pegou em armas contra Henrique, e morreu por isso. Meu irmão negou o próprio nome, nunca levantou a voz, que dirá um exército, e ainda assim morreu. Resta-me tentar não estragar minha vida com amargura. Tenho de guardar ressentimentos como se fossem uma medalha esquecida. Tenho de esquecer que sou uma irmã, tenho de esquecer o único menino que de fato amei, meu irmão, a Rosa Branca.

— Sabe que eu jamais pediria isso — diz Artur, a voz muito baixa. — A morte dele. Não pedi isso.

— Sei que não — digo. — Não há relação entre nós dois e a morte dele. Não estava em nossas mãos. Não havia nada que qualquer um de nós pudesse fazer.

— Mas eu fiz uma coisa — diz, com um tímido olhar de soslaio para mim. — Não deu certo, mas pedi a meu pai que tivesse piedade.

— Foi muito bondoso de sua parte — digo. Não revelo a ele que fiquei de joelhos diante do rei, sem meu véu, meu cabelo despenteado, as lágrimas caindo no chão, as mãos agarradas aos saltos de suas botas, até que me levantaram e me levaram embora, e meu marido implorou-me para que não falasse mais, por medo de lembrar o rei de que um dia tive o nome de Plantageneta, e de que agora tenho filhos com sangue perigosamente real. — Nada podia ser feito. Estou certa de que Sua Graça, seu pai, fez somente o que pensava ser a coisa certa.

— Será que poderia... — Artur hesita — Poderia perdooá-lo?

Nem sequer consegue olhar para mim ao fazer esta pergunta, e seu olhar repousa sobre nossas mãos unidas. Gentilmente, vira o anel novo que estou usando no dedo, um anel de luto com um *W* de Warwick, meu irmão.

Cubro sua mão com a minha.

— Não tenho nada para perdoar — digo com firmeza. — Não foi um ato de ódio ou vingança de seu pai contra meu irmão. Foi algo que ele sentiu que tinha de fazer para assegurar seu trono. Não fez isso com paixão. Não poderia ser convencido com um apelo. Calculou que os monarcas da Espanha não enviariam a infanta se meu irmão ainda estivesse vivo. Calculou que o povo da Inglaterra sempre iria sublevar-se por alguém que fosse Plantageneta. Seu pai é um homem ponderado, um homem cuidadoso. Analisou as possibilidades quase como um contador organiza dados em um daqueles novos livros de

registro, com os ganhos de um lado e as perdas de outro. É assim que seu pai pensa. É como os reis devem pensar hoje em dia. Não é mais uma questão de honra e lealdade. É uma questão de cálculo. É problema meu que meu irmão fosse um perigo, e que seu pai o tenha riscado do livro.

— Mas ele não era um perigo! — exclama Artur. — E tudo na honra...

— Edward nunca foi um perigo, mas seu sobrenome era.

— Mas não é seu sobrenome também?

— Oh, não. Meu nome é Margaret Pole — digo secamente.

— Sabe disso. E tente se esquecer de que nasci com qualquer outro.

*Palácio de Westminster, Londres,  
outono de 1501*

A noiva de Artur não virá à Inglaterra até completar 15 anos. No fim do verão viajamos a Londres, e Artur, sua mãe e eu temos dois meses para encomendar roupas e coordenar alfaiates, joalheiros, fabricantes de luvas, chapeleiros e costureiras para criarmos um guarda-roupa para o jovem príncipe e um belo traje para o dia de seu casamento.

Ele está nervoso. Escreveu para a futura esposa regularmente, cartas afetadas em latim, a única língua que têm em comum. Minha prima, a rainha, recomendou insistentemente que a infanta aprendesse inglês e francês.

— É uma barbaridade se casar com uma estranha e nem sequer ser capaz de conversar — sussurra para mim, enquanto bordamos as camisas novas de Artur em seus aposentos. — Irão se sentar para tomar o desjejum com um embaixador entre eles para traduzir?

Sorrio em resposta. É rara a mulher que consegue falar livremente com um marido amoroso, e ambas sabemos disso.

— Aprenderá — digo. — Deverá aprender nossos hábitos.

— O rei viajará à costa sul para encontrá-la — conta Elizabeth. — Pedi-lhe que esperasse e a saudasse aqui em

Londres, mas ela disse que levará Artur consigo e cavalgará como um cavaleiro errante para surpreendê-la.

— Sabe, não creio que os espanhóis gostem de surpresas — comento. Todos sabem que são um povo bastante formal. A infanta viveu quase em reclusão no antigo harém do Palácio de Alhambra.

— É prometida, foi prometida há dez anos, e agora está entregue — diz Elizabeth secamente. — Do que gosta ou deixa de gostar, pouco importa. Não importa para o rei, e agora talvez nem sequer para sua mãe e seu pai.

— Pobre criança — lamento. — Mas não poderia ter um noivo mais belo ou bem-intencionado do que Artur.

— Ele é um bom rapaz, não é? — O rosto da mãe anima-se diante do elogio. — E cresceu ainda mais. O que está dando-lhe de comer? Está mais alto do que eu agora, e creio que será tão alto quanto meu pai. — Corta duas palavras, como se fosse traição falar o nome de seu pai, o rei Eduardo.

— Será tão alto quanto o rei Henrique — corrijo-a. — E se Deus quiser, ela será uma rainha tão boa quanto você tem sido.

Elizabeth me oferece um de seus fugazes sorrisos.

— Talvez seja. Talvez nos tornemos amigas. Creio que talvez seja um pouco parecida comigo. Foi criada para ser rainha, assim como eu. E tem uma mãe com a determinação e a coragem da minha.



Esperamos na ala das crianças até que o noivo e seu pai voltem para casa depois de sua missão de cavalaria errante. O pequeno príncipe Henrique, de 10 anos, está animado com a aventura.

— Irão cavalgar até ela e raptá-la?

— Ah, não. — Sua mãe puxa a filha mais nova, Maria, de 5 anos, e coloca-a no colo. — Isso não funcionaria de jeito nenhum. Irão até onde quer que ela esteja e pedirão para entrar. Irão elogiá-la e talvez jantar com ela, então partirão na manhã seguinte.

— Eu cavalgaria e a raptaria! — Henrique gaba-se, levantando a mão como se segurasse um par de rédeas e galopa pelo cômodo em um cavalo imaginário. — Iria até lá e me casaria com ela na hora. Já demorou o bastante para vir à Inglaterra. Não toleraria mais atrasos.

— Tolerar? — pergunto. — Que palavra é essa? O que, em nome de Deus, você anda lendo?

— Lê o tempo todo — diz sua mãe amavelmente. — É um estudioso. Lê romances e teologia, e orações, e as vidas dos santos. Em francês, latim e inglês. Está começando grego.

— E sou músico — lembra-nos Henrique.

— Muito talentoso — louvo-o com um sorriso.

— E cavalgo em cavalos grandes, não só pôneis pequeninos, e consigo lidar com falcões também. Tenho meu próprio falcão, um açor chamado Ruby.

Sua mãe e eu trocamos um sorriso triste sobre sua cabeça ruiva, que balanceia.

— É, sem dúvida, um verdadeiro príncipe — digo-lhe.



— Eu deveria ir a Ludlow — diz-me. — Deveria ir a Ludlow com você e seu marido e aprender como se governar um país.

— Seria muito bem-vindo.

Ele para seu galope pelo quarto e vem ajoelhar-se no banco diante de mim, segura meu rosto com as duas mãos.

— Quero ser um bom príncipe — diz sinceramente. — Quero, de verdade. Qualquer trabalho que meu pai dê a mim. Quer seja governar a Irlanda ou comandar a marinha. Aonde quer que me envie. A senhora não entenderia, Lady Margaret, pois não é uma Tudor, mas é um chamado, um chamado divino, nascer na família real. Nascer na realeza é um destino. E quando minha noiva vier para a Inglaterra, cavalgarei para saudá-la e irei disfarçado, e quando me vir, ela dirá: “Oh! Quem é aquele belo menino naquele grande cavalo?” E direi: “Sou eu!” E todos dirão: “Hurra!”



— Não correu tudo bem, de modo algum — diz Artur a sua mãe, carrancudo. Ele entra no quarto da rainha, onde ela está se vestindo para o jantar. Estou segurando seu diadema, observando sua dama de companhia escovar-lhe o cabelo.

— Chegamos lá, mas ela já estava deitada, e enviou uma mensagem avisando que não poderia receber-nos. Papai não aceitou a recusa e consultou os lordes que estavam conosco. Concordaram com ele... — Artur olha para baixo, e nós duas podemos ver seu ressentimento. — É claro que sim, quem discordaria? Então cavalgamos sob chuva torrencial até o

Palácio de Domersfield e insistimos que ela nos deixasse entrar. Papai foi até sua câmara privada, e creio que houve uma algazarra porque ela parecia furiosa quando saiu, então todos jantamos.

— Como ela é? — pergunto diante do silêncio, quando ninguém mais fala.

— Como posso saber? — indaga, desapontado. — Mal falou comigo. Eu só fiquei pingando pelo chão. Papai exigiu que ela dançasse e ela dançou à moda espanhola com três de suas damas. Usava um grosso véu sobre o adereço de cabeça e mal pude ver seu rosto. Imagino que nos odeie por fazê-la sair do quarto para jantar depois de ter recusado. Falou em latim e conversamos algo sobre o tempo e sua viagem. Ficou terrivelmente enjoada por conta da viagem.

Quase rio alto diante de seu rosto taciturno.

— Ah, pequeno príncipe, tenha bom coração! — digo, e coloco o braço em volta de seus ombros para abraçá-lo. — São os dias iniciais. Ela aprenderá a amá-lo e valorizá-lo. Irá se recuperar de seu enjoo e aprenderá a falar inglês.

Sinto-o recostar-se em mim para reconfortar-se.

— Mesmo? Realmente crê nisso? Ela parecia muito brava.

— Ela terá de fazê-lo. E você será gentil com ela.

— O senhor meu pai está muito encantado com ela — diz para sua mãe, como se a avisasse.

Ela sorri, contrariada:

— Seu pai adora uma princesa — diz. — Não há nada de que goste mais do que de uma mulher nascida na realeza sob seu poder.



Estou no berçário real brincando com a princesa Maria quando Henrique chega de sua lição de leitura. Imediatamente vem até mim, empurrando sua irmã para o lado com o cotovelo.

— Tome cuidado com Sua Alteza — lembro-lhe. Ela ri, é uma belezinha robusta.

— Mas onde está a princesa espanhola? — exige. — Por que não está aqui?

— Porque ainda está a caminho — digo, oferecendo à princesa Maria uma bola lindamente colorida. Pega-a, joga-a para cima cuidadosamente e pega-a novamente. — A princesa Catarina deve fazer uma procissão pelo país para que o povo possa vê-la, e então você viajará para conhecê-la e escoltá-la a Londres. Seu novo traje está pronto, e também sua nova sela.

— Espero fazer tudo direito — diz, com sinceridade. — Espero que meu cavalo se comporte, e que eu deixe minha mãe orgulhosa.

Coloco o braço em volta dele.

— Você deixará — garanto-lhe. — Cavalga belamente, terá uma aparência principesca, e sua mãe sempre tem orgulho de você.

Sinto-o endireitando seus pequeninos ombros. Está imaginando-se em um traje de tecido dourado, altivo em seu cavalo.

— Tem mesmo — diz, com a vaidade de um menino bem-amado. — Não sou o príncipe de Gales, sou somente um segundo filho, mas orgulha-se de mim.

— E quanto à princesa Maria? — provoco-o. — A mais bela princesa do mundo? Ou sua irmã, princesa Margaret?

— São apenas meninas — diz, com escárnio fraternal. — Quem se importa com elas?



Estou vigiando para garantir que os novos vestidos da rainha sejam limpos com talco, escovados e pendurados no guarda-roupa corretamente, quando Elizabeth entra e fecha a porta atrás de si.

— Deixe-nos — ordena rapidamente à chefe dos vestidos, e com isso sei que há algo muito errado, pois a rainha nunca é rude com as mulheres que trabalham para ela.

— O que foi?

— É Edmund, o primo Edmund.

Meus joelhos enfraquecem com a menção de seu nome. Elizabeth empurra-me para um banco, então vai à janela, abre-a para que o ar fresco entre no cômodo e minha cabeça se firme. Edmund é um Plantageneta como nós. É o filho de minha tia, é o duque de Suffolk, e é muito considerado pelo rei. Seu irmão foi um traidor, liderando os rebeldes contra o rei na batalha de Stoke, e acabou morto no campo de batalha. Mas Edmund de la Pole, em contraste absoluto, sempre foi ferozmente leal, braço direito e amigo do rei Tudor. É um ornamento para a corte, o líder dos participantes de justas, um belo, corajoso e inteligente duque Plantageneta, um alegre lembrete a todos de que York e Tudor vivem lado a lado como uma família real amorosa. É um

membro do mais fechado círculo real, um Plantageneta servindo um Tudor, um vira-casaca, uma bandeira que se agita do outro lado, uma nova rosa, vermelha e branca, uma indicação para todos nós.

— Preso? — sussurro meu maior medo.

— Foragido — diz ela, brevemente.

— Para onde? — pergunto, horrorizada. — Oh, Deus. Para onde terá ido?

— Até o Sacro Imperador Romano Maximiliano, para levantar um exército contra o rei. — Engasga, como se as palavras estivessem grudadas em sua garganta, mas precisa me perguntar: — Margaret, diga-me, não sabia nada sobre isso?

Nego com a cabeça e pego-lhe a mão. Meus olhos encontram os seus.

— Jure — exige ela. — Jure.

— Nada. Nem uma palavra. Juro. Ele não fazia confidências a mim.

Ficamos ambas em silêncio enquanto pensamos naqueles em que Edmund normalmente confia: o cunhado da rainha, William Courtenay; nossos primos, Thomas Grey e William de la Pole; meu primo em segundo grau, George Neville; nosso parente, Henry Bouchier. Somos uma rede de primos e parentes bem documentada e bem conhecida, fortemente ligada por casamento e sangue. Os Plantageneta espalharam-se por toda a Inglaterra, uma família corajosa, impetuosa e aparentemente interminável, de rapazes ambiciosos, homens guerreiros e mulheres férteis. E, contra nós, somente quatro

Tudor: uma velha senhora, seu filho ansioso e seus herdeiros Artur e Henrique.

— O que acontecerá? — pergunto. Levanto-me e caminho pelo quarto até aproximar-me da janela. — Estou bem agora.

Estende os braços para mim e nos abraçamos com força por um momento, como se ainda fôssemos mulheres jovens aguardando notícias de Bosworth, repletas de temor.

— Nunca poderá voltar para casa — diz ela, com infelicidade. — Nunca veremos o primo Edmund novamente. Nunca. E os espiões do rei certamente o encontrarão. Ele emprega centenas de vigilantes agora. Onde quer que Edmund esteja, irão encontrá-lo...

— E então encontrarão todos com quem ele falou em algum momento — prevejo.

— Você, não? — pergunta novamente. Deixa a voz cair em um sussurro. — Margaret, fale a verdade. Você, não?

— Eu, não. Nem uma palavra. Sabe que não dou ouvidos a traições.

— E então será neste ano, ou no próximo, ou ainda no seguinte, que o trarão de volta e o matarão — diz, sem alterar-se. — Nosso primo Edmund. Teremos de assistir-lhe subir no patíbulo.

Solto um pequeno gemido de aflição. Ficamos de mãos dadas. Mas no silêncio, enquanto pensamos em nosso primo e no cadafalso em Tower Hill, ambas sabemos que já sobrevivemos a coisas ainda piores do que isso.



Não fico para o casamento real. Vou para Ludlow antes do jovem casal para certificar-me de que o lugar esteja quente e confortável para sua chegada. Enquanto o rei cumprimenta todos os seus parentes Plantageneta cheio de sorrisos e excessiva e opressiva afeição, fico feliz de me afastar da corte com medo de que sua charmosa conversa me atrase no salão, enquanto seus espiões vasculham meus cômodos. O rei fica muito perigoso quando parece contente, buscando a companhia de sua corte, anunciando jogos divertidos, pedindo-nos que dancemos, rindo e passeando pelo banquete enquanto lá fora, nas galerias escuras e ruas estreitas, seus espiões fazem seu trabalho. Posso não ter nada a esconder de Henrique Tudor, mas isso não quer dizer que eu queira ser vigiada.

De qualquer modo, o rei determinou que o jovem casal vá a Ludlow depois de seu casamento, sem delongas, e eu devo arrumar as coisas para eles. A pobre menina terá de dispensar a maior parte de suas companheiras espanholas e viajar pelo país, no pior dos climas inverniais, até um castelo situado quase mais de trezentos quilômetros de Londres, e a uma vida de distância do conforto e luxo de seu lar. O rei quer que Artur exiba sua noiva, impressione a todos pela estrada com a nova geração da linhagem Tudor. Pensa em modos de estabelecer o poder e glamour do novo trono: não está pensando em uma jovem sentindo falta da mãe em uma terra estranha.

*Castelo de Ludlow, Shropshire,  
inverno de 1501*

Faço com que os criados de Ludlow virem o lugar de cabeça para baixo e lustrem o piso, escovem os muros de pedra e então pendurem as ricas e quentes tapeçarias. Faço com que os carpinteiros preguem as portas novamente para tentar prevenir a entrada de correntes de ar. Compro dos mercadores de vinho um imenso e novo barril serrado ao meio para servir de banheira à princesa; a rainha, minha prima, escreve para mim dizendo que a infanta espera banhar-se diariamente, um hábito estrangeiro do qual espero que desista quando sentir os ventos frios que circulam nas torres do Castelo de Ludlow. Mando fazer novas cortinas, que serão instaladas na cama que deve ser dela — e esperamos que o príncipe encontre o caminho até Catarina todas as noites. Encomendo novos lençóis de linho de fabricantes em Londres, e enviam-me os melhores que o dinheiro pode comprar, de fato. Mando que lavem o chão e espalhem novas ervas para que todos os cômodos cheirem assombrosamente a feno colhido no verão e flores do campo. Ordeno que limpem as chaminés para que suas fogueiras, feitas com madeira de macieira, possam brilhar ao máximo. Exijo de todas as fazendas em torno do pequeno castelo a melhor